

## De onde surge a inveja?<sup>1</sup>

GILBERTO GIORDANO FILHO<sup>2</sup>

*A grama do vizinho sempre é mais verde (Autor desconhecido).  
Não desejais o que é do outro (Décimo mandamento).  
[...] não é apenas o alimento que o bebê deseja; ele quer ser libertado dos  
impulsos destrutivos e da ansiedade persecutória (Klein, 1957, p. 217).*

**Resumo:** Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a inveja a partir do entendimento de Melanie Klein, buscando relações com conceitos psicanalíticos como o narcisismo primário, a idealização e a projeção. As relações contemporâneas do mundo digital, como as redes sociais e os simples meios de comunicação como o *WhatsApp*, permitem divulgar informações pessoais de várias formas a fim de receber curtidas ou comentários e envolvem atualmente uma nova forma de perceber, de se apresentar diante do outro, assim produzindo um contínuo ambiente propício para comparações, avaliações e sentimentos diretamente ligados com a *inveja*. Portanto, além da revisão dos conceitos psicanalíticos relacionados com a inveja, o trabalho propõe uma reflexão sobre a forma como este sentimento pode se manifestar ou ser despertado no cotidiano da sociedade digital atual.

**Palavras-chave:** Inveja, Narcisismo, Idealização, Psicanálise.

Melanie Klein (1964) fala sobre a inveja como sentimento primitivo que se baseia em uma forma de agressão à pessoa invejada, como se ela fosse possuidora daquilo que é desejado, daquilo que falta ao sujeito como fonte de vida; por isso o impulso invejoso visa tomar posse, destruir, tirar algo da outra pessoa. A inveja é desvinculadora. Na teoria kleiniana a agressividade, acionada pela pulsionalidade, está presente desde o começo da vida, quando o bebê coloca partes de si mesmo na figura materna que precisa nutrir, atender e saciar suas necessidades fisiológicas. Assim, a pulsão de morte se manifesta e produz ações no psiquismo. As pulsões nem sempre aparecem de forma pura, pois estão misturadas ou fusionadas em diferentes graus, nas experiências primárias, nas capacidades de amar, odiar, abastecer-se ou destruir a fonte de vitalização.

No texto *Inveja e gratidão*, Klein (1957, p. 208) descreve a inveja como uma expressão sádico-oral e sádico-anal de impulsos destrutivos em atividade desde o começo da vida. A inveja seria o representante principal da pulsão de morte e, quando ocorre de forma excessiva, pode intensificar as angústias esquizoparanoides que terão como principal mecanismo de defesa a clivagem, projeção, negação, onipotência na sua versão expulsiva e violenta. A inveja pode abalar as raízes dos sentimentos de amor e de gratidão, pois ela afeta a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado em Jornada de Estudos promovida pelo Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em 17/04/2021.

<sup>2</sup> Membro em formação psicanalítica no Instituto de Estudos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul.

relação mais antiga de todas, a relação com o cuidador-mãe, fundamental à vida emocional do indivíduo.

Conforme Klein (1957, p. 210-211), o principal mecanismo de formação, não só da inveja, mas até mesmo da constituição do núcleo ego, está baseado na hipótese de que a relação do bebê com o seio bom, objeto parcial da pulsão, seria determinante na formação psíquica do sujeito. Esta vida emocional arcaica caracteriza-se pela sensação de perda e recuperação desse objeto que se alternam constantemente, tornando uma tarefa complexa para o bebê a introjeção do seio como fonte de gratificação e de amor, pois o mesmo seio gera frustração, priva e desperta sua voracidade. Sempre que a criança se sente faminta ou negligenciada, sua frustração gera agressão, leva à fantasia de que a provisão (seio, ou mamadeira) e o amor são simplesmente recusados pela própria mãe, talvez em benefício próprio, construindo possivelmente uma relação perturbada com a mãe e mais tarde com outras pessoas. Quando isto ocorre, a inveja dificulta a percepção e a introjeção daquilo que é bom, complicando o desenvolvimento da gratidão, como se aquilo que o sujeito anseia não se encontrasse respaldado na realidade externa. Podemos considerar que a inveja está bastante ligada às ansiedades da posição esquizoparanoide que não foram resolvidas pela internalização eficaz do objeto bom, levando a um incremento da pulsão de morte, ódio e inveja. A ação da pulsão de morte estaria acompanhada da falta do “seio” bom. “Poder-se-ia dizer que a pessoa muito invejosa é insaciável, que nunca pode ser satisfeita porque sua inveja brota de dentro e, portanto, sempre encontra um objeto sobre o qual focalizar-se. Isso mostra também a conexão íntima entre ciúme, voracidade e inveja” (Klein, 1957).

Os conceitos de inveja, ciúme e voracidade são distintos, mas, diante da íntima conexão entre eles, torna-se relevante distingui-los. Conforme Klein (1957, p. 212), a inveja é o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável, estando o sofrimento ligado ao fato do outro ter posse do objeto de desejo, fato que remonta a mais arcaica e exclusiva relação do bebê com a mãe e estaria ligada à projeção. O ciúme baseia-se em uma relação do sujeito com pelo menos duas pessoas, e a terceiro oferece risco de roubar seu objeto de amor, gerando sofrimento pelo medo de perder o que já possui, diferentemente da inveja na qual o sofrimento surge ao ver o outro possuir o que não se possui. A voracidade por sua vez é uma ânsia insaciável que excede aquilo de que o objeto é capaz ou está disposto a fornecer. Derivando de impulsos sádico-anais e sádico-uretrais, a voracidade visa de forma primária sugar completamente e devorar o objeto. Ela se difere da inveja principalmente pelo fato de estar ligada à introjeção destrutiva e à inveja com a projeção.

Quando a inveja e a rivalidade são muito grandes, torna-se impossível desfrutar dos contatos afetivos com os outros. Na infância a hostilidade e a rivalidade do complexo de Édipo são contrabalançadas pela capacidade de usufruir da felicidade dos pais. Na vida adulta, os pais podem compartilhar os prazeres da infância e evitar interferir neles porque são capazes de identificar-se com seus filhos. Eles tornam-se capazes de acompanhar sem inveja o crescimento de seus filhos. Essa atitude torna-se particularmente importante quando as pessoas ficam mais velhas e os prazeres da juventude cada vez menos disponíveis, pois, a partir da gratidão por satisfações passadas, as pessoas idosas podem usufruir o que quer que esteja ainda ao seu alcance. Além do mais, com tal atitude que dá origem à serenidade, elas podem se identificar com os jovens. Por exemplo, qualquer um que esteja procurando por jovens talentos e que ajude a desenvolvê-los só é capaz de fazê-lo porque pode se identificar e vincular-se com os outros. Em certo sentido, está reproduzindo sua própria vida, até mesmo algumas vezes alcançando a satisfação de metas não alcançadas no passado (KLEIN, 1957, p. 293).

Neste aspecto da identificação, Klein (1957, p. 294) chama a atenção para a complexidade do processo que julga, também, iniciar na mais tenra infância, quando a mãe e outras pessoas são incorporadas ao *Eu*, formando a base das identificações favoráveis e desfavoráveis. Quando os pais são muito rígidos e desprovidos de amor, podem influenciar por identificação o narcisismo, a paranoia e a depressão na criança, levando-a a repetir mais tarde o mesmo que sofreu. Por outro lado, a revolta contra os erros vivenciados na infância pode levar para o outro extremo, conduzindo à reação oposta, de fazer tudo de forma diversa a que os pais fizeram - reatividade. O objeto idealizado sempre se tornará, em algum momento, aos olhos do sujeito a causa do seu sofrimento.

A figura do frustrador é vista não apenas como alguém que nos roubou e privou de nossa própria posição ou bens, mas também como o portador de qualidades valiosas que provocam a inveja e o desejo de estragá-las. A ambição, tanto em seus aspectos úteis quanto nos perturbadores, mostra-se presente onde quer que observemos o comportamento humano. A pessoa extremamente ambiciosa, apesar de todos os seus sucessos, sempre permanece insatisfeita, do mesmo modo que um bebê voraz nunca está satisfeito. Um aspecto dessa atitude, em que a inveja também desempenha um papel importante, é a incapacidade de suportar que os outros apareçam em primeiro plano. Ao rival é apenas permitido desempenhar um papel que não desafie a supremacia da pessoa ambiciosa. Normalmente os ambiciosos são pessoas indispostas e incapazes de estimular e encorajar os mais jovens. Um motivo para a falta de satisfação com um sucesso aparentemente grande é o fato de que seu interesse não

está tão devotado ao campo em que trabalha, mas sim a seu prestígio pessoal. Essa descrição nos remete a pensar na conexão entre voracidade e inveja (KLEIN, 1957, p. 294).

Em outras palavras, podemos encontrar em Trinca (2009, p. 59) uma visão da inveja relacionando-a com o conceito de “constelação do inimigo interno”, ou seja, com uma representação da pulsão de morte. A inveja teria por substrato o ódio, consciente ou inconsciente, do indivíduo voltado contra si próprio por causa de lacunas ou faltas que se tornam insuportáveis na sua comparação com o outro. Em um primeiro momento, o invejoso dirige a si próprio as acusações de insuficiência, deficiência ou incapacidade de ter o objeto causador da inveja. Por isso, ele fica em lugar denegrido, imprestável e degradante, comparando-se com quem detém a posição ou a condição privilegiada. O ódio manifestado em inveja poderia ser entendido como uma defesa contra essa desintegração e a sensação de vazio que ele provoca.

Podemos pensar que quanto mais o sujeito se distancia do lugar almejado, maior será a sua inveja, ou seja, mais ele projetará no outro o ego ideal. Este conceito é descrito por Freud, no texto *Uma introdução ao narcisismo* (1914), como um ego ligado a momentos mais primitivos da constituição do sujeito e a sua onipotência, ao mesmo tempo que a constituição do ideal do ego estaria relacionada com a evolução, com as identificações e com o acesso a questões relativas à cultura e à organização da civilização. O ego ideal surge a partir de um investimento voltado para si mesmo, porém, ao crescer e se deparar com a realidade, o indivíduo terá de constituir uma nova forma de amor próprio, o que viria a ser o ideal do ego em termos de aspirações e metas.

[...] o ‘ego ideal’ inclina-se mais para uma idealização da onipotência do ego: é um ego idealizado, um ego levado ao máximo de onipotência. Pelo contrário, o ‘ideal do ego’ apresenta-se como algo que se colocaria diante do ego como seu ideal: Num sentido, uma instância menos ilusória do que a instância do ego ideal, certamente mais ligada aos problemas da lei e da ética. (LAPLANCHE, 2004).

A passagem do ego ideal para o ideal do ego, segundo Freud (1914), pode ser considerada o cerne do estabelecimento de relações delimitadoras saudáveis, implicando não apenas em uma mudança na direção dos investimentos libidinais na saída do narcisismo primário (do ego para os objetos), mas também o resguardo desse narcisismo na formação do ideal do ego.

Klein (1935) salienta a importância da suportabilidade das ansiedades paranoides e posteriormente também das depressivas, dizendo que, se não há uma elaboração bem-sucedida da posição depressiva, culminando em uma firme internalização do objeto bom, surge então um espaço para a formação da personalidade invejosa.

Nesse estado o sujeito não terá realizado satisfatoriamente o registro do ego ideal e a passagem para o ideal do ego e terá que recorrer constantemente à idealização como defesa contra a perseguição, já que não está no núcleo do ego e superego o objeto bom. Podemos pensar que o ódio surge gradualmente conforme o sujeito se percebe distante do lugar ideal e necessita projetar esse ideal em outros objetos (Freud, 1914), ou seja, a partir do objeto de desejo surgiria a inveja e conseqüentemente o sofrimento pela falta deste objeto idealizado.

O tema da inveja é muito antigo, sendo encontrado desde relatos do Velho Testamento, como dos irmãos Caim e Abel, em que Caim mata Abel após ele receber elogios de Deus, até os dias de hoje quando nos deparamos com pensamentos comuns, como o ditado “a grama do vizinho é sempre a mais verde”. Nesse sentido, podemos questionar a posição e o caminho da inveja na sociedade contemporânea, diante da atual digitalização que torna a visão sobre o outro muito mais acessível e deformada através das redes sociais e dos meios de comunicação digital. Dentro deste contexto de troca e avaliação de exposições entre os usuários, ainda temos mais um fator atenuante: a propaganda e o marketing publicitário, que se fazem presentes constantemente nas redes sociais como meio de torná-las gratuitas. Talvez tenhamos aí um motor que impulsiona a inveja e a cobiça, concretizando em bens de consumo a representação de si mesmo por meio de uma dissociação do eu.

Talvez, na sociedade moderna, algumas pessoas em certa medida olhem a felicidade ou realização pessoal a partir do número de seguidores, curtidas, compartilhamentos, comentários e visualizações dos conteúdos expostos sobre si mesmo. Enquanto as práticas sociais atuais trazem cada vez mais intimidade e proximidade ao outro, existem figuras como as “webcelebridades” cujo objetivo é expor a própria imagem para o outro por meio de fotos de si mesmo, as conhecidas *selfies*. Como é livre o acesso às informações sobre os membros dessa sociedade digital, torna-se facilitada a comparação direta e a avaliação sobre o que o outro possui e o que supostamente o indivíduo poderia ter e não tem, construindo os mais variados ressentimentos e raivas causadores de inveja.

## REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1914). **Introdução ao narcisismo**. Obras Completas. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020, vol. 12, p. 13-59.

FREUD, S. (1917). **Conferências introdutórias sobre psicanálise: transferência**. Obras Completas. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, vol. 13, p. 570-592.

KLEIN, M. (1935). **Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos**. Tradução: A. Cardoso. Rio de Janeiro: Imago.

KLEIN, M. (1957). **Inveja e gratidão e outros trabalhos (1946-1963)**. Tradução da 4ª edição inglesa: Elias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LACAN, J. (1998). **O estágio do espelho como formador da função do eu**. Escritos. Tradução: V. Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1949).

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. (2008). **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes.

TRINCA, W. (2009). **O sistema mental determinante da inveja**. Revista Brasileira de Psicanálise, 43(3), p. 51-58. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X20090003000006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X20090003000006)>.